

OBSERVATÓRIO DE INTERCÇÕES PLANTA - MEDICAMENTO



OBSERVATÓRIO DE INTERAÇÕES
PLANTA - MEDICAMENTO

“Era uma operação com anestesia geral. A doente levou o anestésico mas não informou o médico de que estava a tomar extracto de aloé vera. Quando os dois produtos são combinados, o risco de hemorragia aumenta exponencialmente. A intervenção simples foi quase fatal.”

Foi com esta notícia que a imprensa nacional abriu destaque para abordar os perigos de interações medicamentosas que se podem estabelecer entre os extractos de produtos naturais e terapias alopáticas, já relatados em revistas científicas.

Fruto do suor de vários anos de trabalho, surge o Observatório de Interações Planta-Medicamento (OIPM), projecto exclusivo internacionalmente e criado aqui na Faculdade de Farmácia da Universidade de Coimbra (FFUC), coordenado pela docente e investigadora do Centro de Estudos Farmacéuticos (CEF) da mesma instituição de ensino, Dra. Maria da Graça Campos.

Os pilares do mesmo assentam na criação e divulgação nos media, em unidades de saúde e escolas, de conteúdos científicos baseados na avaliação de possíveis interações

A QUEM SE DESTINA

A população que se pretende sensibilizar é constituída por quatro grupos-chave, consoante o tipo de medicamentos mais consumidos em cada um deles. “Healthy People”, pequena franja de população informada com preocupação em se manter saudável, que consome produtos naturais susceptíveis de causar interações, como suplementos alimentares, dietéticos e para desportistas. Adolescentes e Jovens, relativamente a interações com os anticoncepcionais orais, as drogas e as smart drugs utilizadas em épocas de exames ou em períodos prolongados de esforço físico e psíquico. Adultos, cuja medição incide geralmente sob antidepressivos, anti-diabéticos orais, beta-bloqueadores, anti-tidilipidémicos e antineoplásicos, sendo o grupo dos doentes oncológicos o mais problemático pois consomem todos os produtos naturais que se pensa curarem a sua patologia mas, na verdade, o risco de interações

Maria da Graça Campos, “ só temos conhecimento dos acidentes mais graves que são descritos em algumas publicações científicas”, sendo os casos mais graves que surgem na clínica ou durante uma cirurgia que alertam a comunidade médica para a imprescindível necessidade de mais trabalho científico nesta área, trabalho esse que seja proporcional ao aumento da procura e consumo de produtos naturais, como suplementos e dietéticos. Os casos que actualmente preocupam os médicos são os originados pelos suplementos dispensados em áreas comerciais e em ginásios, como aminoácidos, para rentabilizar a prática desportiva, explicou ao Jornal Expresso, Mário Jorge dos Santos, Presidente da Associação Nacional de Médicos de Saúde Pública, considerando-os graves situações de saúde pública. Em Portugal, existe um sobejo consumo de plantas medicinais disponíveis e dispensadas, sem formação científica sólida, nas imensas ervanárias que as comercializam.



que se possam estabelecer entre plantas e medicamentos de uso no quotidiano (como uma “simples” Aspirina®), assim como outros administrados em contexto hospitalar, de forma a modificar comportamentos e evitar danos para a saúde.

É já do conhecimento geral os cuidados a ter em conta sobre as misturas medicamento-álcool. No entanto, o mesmo não se verifica com os considerados e aclamados produtos naturais, incluindo plantas medicinais como Hipericão, Camomila, Chá Verde, Aloé Vera, Alcachofra, entre outras, que também podem estar sob a forma de chás ou contidas em cremes. O Observatório constitui-se, assim, um instrumento importante de investigação e divulgação científica.

medicamentosas é elevado e, por vezes, fatal. O grupo dos idosos polimedicaos também faz parte das campanhas de sensibilização, dada a polipragmasia destes utentes, cujo risco de interações medicamentosas é extremamente elevado, comprometendo a eficácia da terapêutica nesta faixa etária.

INSTRUMENTOS DE TRABALHO

A avaliação de possíveis interações passa, inicialmente, pelo levantamento e registo nacional, em base de dados, de todas as reacções adversas resultantes de administração concomitante de medicamentos e produtos naturais e, posteriormente, o seu estudo nos campos da Farmacologia e Toxicologia. Os estudos científicos nesta área, porém, são ainda escassos pois, segundo

Estes produtos, como explica o Bastonário da Ordem dos Farmacêuticos ao Jornal Expresso, são “produtos altamente potentes do ponto de vista farmacológico”, alertando que o rótulo de natural “induz em erro e pode causar danos graves”, pois sendo natural ou não, o organismo humano reconhece-o como estranho, causando possíveis focos de interacção com medicamentos.

O estudo científico destas interações é um dos fortes objectivos do Observatório que, com a forte equipa que os constitui, tentará substituir o suposto conhecimento popular sobre a utilização de plantas por fundamentos científicos e divulgá-los publicamente de forma a capacitar toda a população e, consequentemente, prevenir situações de risco que tanto preocupam a comunidade em Portugal.



CASOS REAIS

Em estudo estão casos como a interação com a varfarina, um fármaco do grupo dos anticoagulantes, usado na prevenção de trombozes (e antes como veneno para roedores por causar hemorragias), cuja utilização não deve ser feita simultaneamente com o consumo de alho, cebola, soja, resveratrol, entre muitos outros produtos naturais com o mesmo efeito. Foi-nos reportado um caso desta toma conjunta numa mulher de 70 anos, que deu entrada no hospital com múltiplas hemorragias internas, pois tomou ginkgo biloba enquanto fazia um tratamento com varfarina, que foi suficiente para aumentar o poder anticoagulante do fármaco e levá-la às urgências.

Outro caso, do conhecimento da coordenadora do projecto, de um paciente de AVC que recuperou e algum tempo depois começou a tomar comprimidos de resveratrol (um dos componentes do vinho existente nas uvas usado como suplemento alimentar anti-envelhecimento), que podem ter estado na origem de um segundo AVC hemorrágico dois dias depois, será submetido a revista científica de especialidade. Aqui é de salientar a necessidade de informar a população antes de se automedicar, daí o papel preponderante do aconselhamento farmacêutico.

QUAIS AS PRINCIPAIS INTERACÇÕES JÁ CONHECIDAS?

A investigadora Maria da Graça Campos dá-nos alguns exemplos, para além dos já referidos:

- O sumo de toranja interfere com vários medicamentos utilizados no tratamento do cancro.
- O chocolate interage com os inibidores da monoamina oxidase presentes em medicamentos antidepressivos.
- O ginseng interage, entre outros, com o ibuprofeno.
- Os alimentos ricos em vitamina K (bróculos, espinafres) contrariam o efeito dos anticoagulantes.

adaptado de "Saber Viver", 01-06-2011

É também importante consciencializar as utentes jovens que tomam a pílula contraceptiva de que devem evitar alguns tipos de chás, nomeadamente Hipericão, Camomila, Tília, Cidreira, entre outros. O risco de interação com as moléculas existentes nos extractos naturais dessas plantas pode facilmente ocorrer e, ao conduzir a uma total ineficácia da terapêutica anticoncepcional por redução do efeito protector da pílula, situações de gravidez indesejada podem surgir.

FUNDAMENTAÇÃO CIENTÍFICA

Os factores genéticos, idade, tabagismo, funções renal e hepática, dieta, assim como factores do próprio meio ambiente influenciam a susceptibilidade para interações medicamentosas. Contudo, para a concretização do projecto será aplicado o conhecimento sobre os mecanismos envolvidos na absorção, distribuição no organismo, metabolismo e excreção de produtos em toma conjunta, para que se possa fazer a avaliação de risco das substâncias em estudo. Por exemplo, se as substâncias forem metabolizadas nos mesmos isoenzimas, constituem um potencial foco de interação.

Uma vez que o índice de toxicidade é o maior perigo quando se conjugam plantas com medicamentos, a actividade do Observatório começou pelo levantamento das plantas mais utilizadas pela população portuguesa, com dados sobre as diferentes patologias associadas ao seu consumo, e posterior cruzamento da fitoquímica nelas presentes com as substâncias activas dos medicamentos usados pelos diferentes públicos-alvo. Estes dados, obtidos pela consulta às populações, pela dispensa de produtos naturais em farmácias, ervanárias, hipermercados, parafarmácias e outros pontos de venda, assim como a avaliação dos medicamentos administrados em lares de terceira idade e cuidados continuados de saúde (em colaboração com o Infarmed, a Associação Nacional de Farmácias e o CEF), permitiram a criação de uma espécie de atlas com toda essa informação para posterior divulgação à sociedade, tanto para profissionais de saúde, como para a população em geral.

OUTROS PROJECTOS

Em relação a outros projectos desenvolvidos pelo OIPM, Maria da Graça Campos revela que recebeu oito casos clínicos para investigação sobre suspeitas de interações em serviços de oncologia. A colaboração do utente, na medida em que deve informar o médico sobre a toma de extractos à base de plantas aquando da realização de quimioterapia, é fundamental para a diminuição de possíveis interações desfavoráveis que comprometam o sucesso e eficácia da terapêutica, por si já tóxica para o organismo. Para tal é fundamental o projecto paralelo "Pesquisa de interações entre os citostáticos e moléculas bioactivas de origem natural (extractos à base de plantas) com afinidade para os mesmos isoenzimas do CYP450", que decorre em parceria com alguns elementos do I.P.O. Francisco Gentil, E.P.E., que reportam casos clínicos aí verificados. Toda a informação assenta em evidências clínicas em que estes casos já foram determinados, pelo que o posterior desafio da equipa é transpô-la para uma linguagem de fácil assimilação pela população em geral.

Outra actividade inerente ao OIPM é o projecto "Aprender Saúde: entre as Plantas e os Medicamentos", recentemente aprovado e

financiado com 150 mil euros pela Agência Nacional para a Cultura Científica e Tecnológica - Ciência Viva, servindo como peça fundamental de sensibilização da comunidade em geral neste contexto. As formas de divulgação precisam-se-ão através de campanhas de sensibilização em locais a que os utentes recorrem e pela construção de uma base de dados online.

Será ainda criada uma série de episódios sobre "Interações Planta-Medicamento", integrada no projecto "Saber para Todos" em iTunesU, pertencente à Universidade de Coimbra e já disponíveis na plataforma da Apple.

A EQUIPA

O Observatório junta cerca de vinte doutores e investigadores de diversas áreas do conhecimento como Farmácia, Medicina e Patologia, Medicina Legal e Direito, entre os quais Maria da Graça Campos (FFUC), Duarte Nuno Vieira (FMUC e Presidente do Instituto Nacional de Medicina Legal), Anabela Mota Pinto (FMUC), Margarida Caramona (FFUC), Fernando Ramos (FFUC) e ainda alguns colaboradores como Ana Cristina Rama (HUC), Maria Luísa Costa e Ângela Pizarro (farmacêuticas de Farmácia Comunitária); Ana Isabel Martins, Inês Batuca, Anaísa Bartolomeu e Diogo Silva (estudantes do Mestrado em Ciências Farmacêuticas) e Tiago Pinto (estudante do Mestrado em Medicina).

CONCLUSÃO

A acção do OIPM passa pela criação de uma estratégia nacional e, a médio prazo, pela sua extensão internacionalmente, que permita uma avaliação e prevenção deste tipo de interações, com evidentes benefícios a nível da saúde pública e, se possível, uma redução das despesas inerentes aos possíveis acidentes causados, nos Sistemas de Saúde habilitados.

Este conta ainda com a criação de uma linha verde telefónica (gratuita) para que situações críticas de possíveis interações possam ser reportadas a profissionais da área e, assim, dirigir os trabalhos de investigação através destes testemunhos.

Para mais informações poderá visitar o website do Observatório em www.ff.uc.pt/oipm/home ou dirigir-se à Faculdade de Farmácia da Universidade de Coimbra.

por Anaísa Bartolomeu e Diogo Silva,
Terceiro ano do Mestrado em Ciências Farmacêuticas.

Os autores deste artigo optaram por não escrever segundo o novo acordo ortográfico.